

## Ascensão e queda de um perverso<sup>1</sup>

Vinte e dois segundos — é exatamente o tempo que o elevador leva desde o rés-do-chão ao último andar do edifício. Tempo suficiente para a Becas, a minha namorada, se livrar das sapatilhas, das meias, da minissaia, das calcinhas, da camisola, do soutien. Tempo ainda para me abraçar impetuosamente e me dar um desses beijos que me fazem desejar viver num prédio com o dobro da altura.

Mal o ascensor para, carrego no botão que diz “cave”, e tiro os sapatos, as meias, as calças, os *boxers*, a camisola. A pior parte é sempre despir os *jeans*. Não é fácil equilibrarmo-nos numa só perna, como os flamingos, num elevador exíguo e em movimento. Algumas vezes faço batota e fico com as peúgas. Consigo poupar, pelo menos, três segundos.

Porém, apenas recorro a esse expediente quando entro em pânico. Receio que o ascensor pare inesperadamente no quarto ou no quinto piso, a porta se abra e um vizinho boquiaberto contemple uma mulher nua e de um homem semidespido. Não sei quem ficaria mais embaraçado, ele ou nós. Mas que seria um momento inesquecível, disso tenho a certeza.

Vejamos as coisas pelo lado positivo: se isso algum dia acontecer, dará origem à reunião de condóminos mais interessante de todo o bairro. Consigo imaginar a convocatória: “Primeiro ponto da ordem de trabalhos: regularização das contas do prédio. Segundo ponto: conserto da porta da garagem. Terceiro ponto: comportamentos imorais no ascensor”. Imagino-me a passar o resto da vida de olhos pregados no chão, envergonhadíssimo, a preferir descer sete lanços de escadas a entrar no elevador.

Mas o perigo de eu e a minha namorada podermos ser descobertos faz parte do gozo. Fazer *strip-tease*, em tempo recorde, num local proibido, é muito mais excitante do que despir-me no balneário do ginásio ou numa cabine de provas de um pronto-a-vestir. No entanto, nos últimos tempos, andava a apetecer-me fazer alguma coisa mais arrojada. Não sei bem o quê. Há alguns dias, conversei com a Becas acerca disto e perguntei-lhe se tinha alguma sugestão.

Num contexto de malandrice, ela propôs-me uma espécie de jogo, que aceitei, ainda que relutante.

— Em vez de tomarmos o elevador, subíamos pela escada.

— Mas, querida, isso é muito arriscado...

— E, proporcionalmente, excitante. Em cada andar, deixamos uma peça de roupa. Os sapatos no rés-do-chão, as meias no primeiro piso, etc. Feitas as contas, deveremos chegar ao

---

<sup>1</sup> Mancelos, João de. “Ascensão e queda de um perverso”. *Cadernos de Poesia e Conto (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)* 1 (2008): 63-66.

último andar do prédio em pelo.

— São sete andares, a correr!

— Mais precisamente *catorze* pisos — corrigiu. — Lembra-te que depois teremos de descer as escadas para nos vestirmos.

— Não sei se tenho fôlego para galgar tanto degrau...

— Vá lá, consegues...

Medi os prós e os contras, sabendo de antemão que a Becas levaria a melhor. Não consigo resistir, quando olha para mim com aquele ar de adolescente a implorar uma pastilha elástica.

Nesse mesmo dia, com o coração aos saltos, pusemos em prática a nossa fantasia sexual mais arriscada. Propositadamente, escolhemos uma hora mortíça: as oito da noite, altura em que a generalidade dos vizinhos está a jantar, em frente ao telejornal ou à novela, e os meus pais fazem o turno da noite no emprego.

Começámos no rés-do-chão, com as luzes apagadas. Tirámos os sapatos e experimentámos a deliciosa sensação de pisar o mármore gelado, depois de uma tarde morna.

Logo de seguida, subimos o primeiro lanço de escadas, o mais rapidamente que pudemos. Aí, libertámo-nos das meias, atirando-as para um cantinho. Agora, o frio arrepiava, na sola dos pés. E acreditem que não foi nada agradável caminhar descalço sobre pontas de cigarros, cascas de amendoim e outras imundices. Não pude deixar de comentar:

— Lembra-me de levantar o assunto da limpeza das escadas, na próxima reunião de condomínios.

No segundo andar, ela tirou as calcinhas e eu os *boxers*, que pendurámos na maçaneta da porta de um apartamento. A pulsação aumentou. Se fôssemos apanhados antes, seria complicado explicar por que motivo estávamos sem meias nem sapatos. Com alguma presença de espírito e muita imaginação, talvez nos safássemos. Contudo, justificar a ausência de roupa interior era impossível.

— A partir de agora, é tudo ou nada! — disse-lhe.

— Assim é que é!

Atirámo-nos ao lanço seguinte, deixando neste a saia e as calças. Aproveitámos para recuperar o fôlego. De dentro dos apartamentos chegavam-nos as vozes dos inquilinos, o tilintar dos talheres tocando nos pratos, a música de um anúncio televisivo. Até ali, tudo estava a correr bem, mas a nossa sorte poderia mudar a qualquer instante.

— És doida — murmurei-lhe entre dentes.

— Os doidos seguem os doidos.

Os relógios ficaram no quarto piso. Foi boa ideia considerá-los uma peça de vestuário,

porque aumentava a excitação e o tempo que permanecíamos em risco.

— Só espero que ninguém os roube, Becas. O meu foi prenda de aniversário.

— Não percas tempo.

Os *sweaters* foram largados no quinto patamar. Agora sentíamos algum frio, apesar do corpo ter aquecido um pouco graças à corrida escada acima.

No sexto andar, despojei-me da camisola interior e ela do soutien, com um suspiro de alívio.

— Estamos em pelo! — gritou a Becas, tão triunfal quanto Armstrong ao pisar a superfície lunar. E as escadas ecoaram as famosas palavras da minha namorada.

Por fim, chegámos ao sétimo andar, completamente nus, completamente exaustos. Uma réstia de luar descia do sótão, iluminando o rosto afogueado da Becas. Abraçámo-nos, a tremer, mais de excitação do que de frio.

— Nunca na minha vida senti tanto o prazer de transgredir — confessei-lhe.

— Sei *exatamente* o que estás a dizer. Mas lembra-te de que ainda falta metade do percurso.

— Ah, não tenho forças...

— Tens sim, tonto. Não podemos deixar as roupas, assim semeadas pelo prédio. Até os relógios lá estão. Prepara-te!

Fatigados, mas confiantes, descíamos os primeiros degraus, de mãos dadas, quando ouvimos o ruído de uma porta a ser aberta, algures lá em baixo. Em qual andar, não o sabíamos. Tanto podia ser no piso das meias, como no dos *boxers* e das calcinhas. A luz acendeu-se. Ficámos paralisados.

— Ó Manuela, anda cá ver isto! — escutámos alguém dizer.

Ouvimos passos, que o eco do prédio distorcia, seguidos de uma gargalhada.

— Parece que alguém está com muito calor hoje! — comentou uma mulher.

Escutámos ainda mais alguns risos, e uma piada indecente. Depois, a Manuela deve ter regressado ao apartamento, e o homem — marido, namorado ou quem quer que fosse — chamou o elevador.

Esperámos até que o ruído cessasse e a luz se apagasse. Fiz sinal à Becas para que me seguisse. Com a pulsação muito acelerada, pé ante pé, evitando fazer qualquer som que nos denunciasse, descemos até ao andar abaixo. Aí, recuperámos a camisola interior e o soutien. Ufa!

No quinto patamar, recolhemos as *sweaters*, e, no quarto, os relógios. Já só estávamos nus da cintura para baixo, o que não sendo muito consolador, nos dava, pelo menos, a sensação de estarmos mais decentes. Ou talvez não. Recordei-me que os pintores renascentistas —

Miguel Ângelo, Leonardo Da Vinci, Boticelli e outros — pintavam sempre uma ou duas peças de roupa nos seus retratos de pessoas despidas. Dizia um crítico de arte que, longe de retirar sensualidade ao quadro, esse expediente aumentava de sobremaneira a carga erótica da pintura.

O terceiro andar não constituiu qualquer desafio: recolhemos a saia e as calças, mas não os vestimos, porque faltava a roupa interior. A surpresa aconteceu no segundo andar, o das calcinhas e dos *boxers*. Às escuras, tateámos as maçanetas da porta, em busca das peças íntimas:

— Não encontro as calcinhas... — murmurou a Becas.

— Tenta outra porta. Há quatro apartamentos por andar.

— Não estão aqui, tenho a certeza!

Tateei outro puxador, mas também não estava lá nada pendurado. Na precipitação, devo ter-me encostado a uma das campainhas: *ding-dong!* O coração saltou-me do peito, com o susto, e a Becas soltou um gritinho. Transidos, escutámos o ruído de uma das fechaduras a abrir-se.

Só tive tempo de vestir a primeira peça que os meus dedos encontraram.

E foi na maior humilhação que vi a porta entreabrir-se para dois olhos espantados. Nunca a Dona Ernesta, membro da igreja metodista, pensara ver o vizinho do sétimo, vestido com uma camisola interior, uma *sweater*, um relógio — e umas calcinhas de renda negra.